

Os desafios e oportunidades, no nível político/estratégico, para a América do Sul, frente ao atual conflito na Ucrânia

*Tiago Fernandez Cardoso**

*Juliano Jorge Tenório Tavares***

Introdução

Aescalada da crise na Ucrânia, no início de 2022, e o consequente avanço das tropas russas no interior do território ucraniano chamaram a atenção da comunidade internacional e, consequentemente, ocasionaram a reação de alguns países ocidentais, implementando ações majoritariamente voltadas para o campo econômico. Pelo que se observa, a guerra não está restrita ao campo de batalha. Pelo contrário, os fatos sugerem que ela está sendo deflagrada em múltiplos domínios (Visacro, 2020).

Dentro desse contexto, atualmente, percebe-se que a Ucrânia representa para os russos mais do que uma disputa por independência das regiões separatistas. Crimeia, Donbass, Luhansk e Donetsk são áreas ligadas historicamente à nacionalidade e à cultura de Moscou. Por esse fato, o governo russo adota uma postura oficial de proteger os direitos e os interesses de nacionais no exterior, amparada na estratégia de segurança nacional e na política externa desse país. Além disso, o território ucraniano representa um objetivo fundamental para a geopolítica russa, pois mantém os europeus ocidentais e as influências norte-americanas longe de suas fronteiras (Albuquerque; Almeida, 2022).

No conflito russo-ucraniano, está claro que Vladimir Putin representa a liderança máxima

no governo russo. Desde 1999 no poder, Putin tem se revezado no cargo de presidente e primeiro-ministro. Para Putin, a maior tragédia geopolítica do século XX foi o colapso soviético. Em 2008, quando a Ucrânia manifestou a intenção de aprofundar os laços de integração com a União Europeia e com a OTAN, esse líder russo se pronunciou dizendo que, caso isso acontecesse, a Rússia lutaria para anexar o leste do território ucraniano (Albuquerque, Almeida 2022).

Pelo lado ucraniano, Volodymyr Zelensky é um *outsider*, novato na política, o que torna seu caso interessante de ser analisado sob o prisma dos estudos de liderança. Comediante famoso em seu país, chegou à presidência sem antes ter passado por qualquer cargo político. Eleito em 2019 com mais de 70% dos votos, sua aprovação pelos ucranianos, no início de 2022, estava em torno de 30%. Após o início do conflito, sua popularidade triplicou, passando de 90% de aprovação (Filho, 2022).

Tal fato demonstra que, quando testado pelo conflito, Zelensky surpreendeu a todos fazendo basicamente o que se espera de um líder político nessas situações: galvanizar a vontade de lutar do povo ucraniano e angariar apoios internacionais fundamentais ao esforço de guerra de seu país (Filho, 2022).

* Maj Cav (AMAN/2006, EsAO/2015). Atualmente, é aluno na ECEME.

** Maj Eng (AMAN/2006, EsAO/2015). Atualmente, é aluno na ECEME.

É importante ressaltar que a Rússia e a Ucrânia detêm parcelas significativas de suprimentos essenciais para a população mundial. Unidas, produzem cerca de 30% do trigo comercializado mundialmente, além de diversos outros grãos, comercializados com inúmeros países. Com a invasão russa, esse abastecimento foi prejudicado, tanto na quantidade exportada, como no preço dos produtos, que muitas vezes ultrapassam em aproximadamente 60% os valores antes praticados (Carvalho, 2022).

Colocando uma lente de observação na atual situação, para Carregosa e Barros (2022), a Rússia exporta fertilizantes para diversos países, inclusive para a América do Sul, foco deste trabalho. Os russos produzem o potássio de Belarus (tipo de potássio), essencial para o solo sul-americano, que encareceu mais de 30% desde o início do conflito. O Brasil e a Argentina são amplamente dependentes desse fertilizante produzido no mar Negro.

Tais observações, portanto, levam a divergências regionais entre russos e ucranianos. Segundo Castilho (2022), a guerra entre Rússia e Ucrânia, o maior conflito ocorrido na Europa desde a Segunda Guerra Mundial, pode de fato dar ensejo a novos paradigmas envolvendo duas questões fulcrais e antigas no solo europeu: o poderio energético russo (seu poder de barganha) e a questão envolvendo a transição energética. Com a alta dos combustíveis e com as deliberações decorrentes do aumento dos preços e da escalada do conflito, uma gama de buscas por outras fontes de energia ganha contornos cada vez mais urgentes.

A América do Sul, por estar fisicamente distante da região do conflito e da Europa, não é tão citada mundialmente em relação aos reflexos da guerra, mas o fato é que muitas turbulências sociais, econômicas, políticas e militares estão ocorrendo neste continente, fruto de apoios ou afastamentos de políticas empregadas em terras europeias.

Segundo Alarcón e Chuquihuaccha (2022), faz-se necessário analisar coletiva e individualmente o comportamento de governos sul-americanos frente ao atual conflito. O mundo globalizado da era da informação pressupõe que o evento da guerra na Ucrânia traga consequências muito rápidas à América do Sul.

Ainda sob o olhar desses autores, Alarcón e Chuquihuaccha (2022), muito mais que prejuízos econômicos, a guerra na Ucrânia obriga os países a se posicionarem sobre o conflito. Nesse sentido, a volatilidade e a ambiguidade surgem a todo o momento, conforme os interesses dos países diretamente afetados.

Com o início da guerra na Ucrânia, a América do Sul se sujeitou a um cenário de fragilidade, seja em razão do desabastecimento de suprimentos, seja por questões políticas e econômicas. O conflito tem gerado instabilidades que alteram o contexto geopolítico do continente sul-americano. Assim sendo, constata-se que essa guerra vem afetando direta e indiretamente esse espaço geográfico nos campos político, econômico e estratégico.

Dessa maneira, este artigo tem como objetivo analisar os desafios e oportunidades que surgirão para os países da América do Sul como resultados do conflito na Ucrânia. A conclusão refletirá a análise desses impactos da guerra na Ucrânia no continente sul-americano.

Desenvolvimento

Desafios para a América do Sul

Segundo Cejas e Fragoso (2022), o início da segunda década do século XXI apresenta a América Latina com um cenário que inclui novos desafios nos âmbitos econômico, político e social. Desde março de 2020, os efeitos da pandemia da covid-19 impactaram a economia global, cujo ritmo de crescimento econômico desacelerou. Essa situação foi agravada pelo advento da guerra

entre a Rússia e a Ucrânia, que propõe modificações na forma de lidar com os processos de integração regional em um futuro próximo.

Ainda, de acordo com Cejas e Fragoso (2022), o atual conflito internacional entre Rússia e Ucrânia é apresentado em um mundo globalizado, com características particulares que o diferenciam do cenário visto há quase 80 anos. Atualmente, a América Latina enfrenta os impactos do conflito na Europa, com os seus mercados já integrados nos níveis regional e global. Nesse sentido, o recente fenômeno da integração das atividades empresariais no âmbito do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) é um exemplo da nova maneira de aprofundar os laços econômicos entre os países, ampliando seus mercados e gerando condições para melhorar a qualidade de vida de suas populações.

Para Carmona (2022), se fosse somente para tratar do Brasil, uma primeira questão – ou premissa – relaciona-se a compreender como funciona o mundo e quais as características e o papel do Brasil nele. A guerra e, mais amplamente, os eventos ocorridos nos últimos 15 anos, demonstram que as grandes nações buscam, primordialmente, realizar seus próprios interesses nacionais, estabelecendo alianças adequadas à potencialização desses mesmos interesses.

Ainda, segundo Carmona (2022), um segundo fator a compreender na análise da situação geopolítica contemporânea é o fato de que grandes países de dimensão continental, como é o caso do Brasil, são objeto de assédio indireto ou dissimulado por parte de outras potências com o objetivo de dividi-los, seja territorialmente, seja no que diz respeito à sua unidade nacional. Hoje, instrumentos similares ao que se denomina como guerra híbrida são de larga utilização, em regra de forma dissimulada, por parte das grandes potências. Viabilizar contramedidas às guerras indiretas e por múltiplos meios é tarefa que se impõe do ponto de vista geoestratégico.

Para Garcia, Nárdiz e Turizo (2022), os reflexos da guerra entre a Rússia e a Ucrânia

trouxeram para a Colômbia, um país sul-americano relevante, efeitos colaterais que impactam aspectos sociopolíticos e econômicos. Com esse conflito, houve um aumento no valor dos produtos agroindustriais, que repercutem fortemente nos preços de alimentos, como a batata, o arroz, o milho, a cana-de-açúcar, as hortaliças, entre outros. Além disso, os valores do barril de petróleo bruto também subiram, o que afetou diretamente o custo de vida das famílias do país. Tal impacto foi potencializado ainda mais pela desvalorização da moeda colombiana frente ao dólar americano.

Ainda nesse mote, enquanto no continente europeu os mercados de energia foram afetados, na América do Sul a instabilidade socioeconômica ocorreu devido ao aumento do preço dos produtos agrícolas básicos. Os preços dos alimentos (cereais como trigo e milho) e de fertilizantes dispararam nos últimos dois anos, criando níveis recordes de fome e de pessoas que sofrem de insegurança alimentar. Em termos numéricos, a guerra entre a Ucrânia e a Rússia demonstrou que as projeções para o crescimento do volume de comércio de mercadorias da América Latina são incertas e inferiores ao que se costuma esperar (Herrera, 2022).

O descontentamento da população sul-americana com o quadro econômico e a crise social já existiam antes da guerra na Ucrânia, mas ganharam força em virtude do conflito no Leste Europeu, constituindo-se em desafios a serem superados pelas nações sul-americanas. Ademais, a crise gerada pelo desabastecimento de fertilizantes aumentou o preço de parte dos alimentos, gerando uma forte inflação nas economias da América do Sul.

Nesse contexto, países como a Argentina passam por grandes dificuldades em uma recuperação desenvolvimentista. Para Lorenzini (2022), refletir sobre a política externa da Argentina, em uma conjuntura internacional e doméstica complexa como a atual, representa um grande desafio. Estes tempos, em que prevalecem a incerteza e a velocidade com que os eventos acontecem e/

ou são desencadeados, supõem um grau de dificuldade adicional para análises acadêmicas.

Neste momento geopolítico, as escolhas certas nas relações internacionais representam grandes desafios aos países da América do Sul. A atual guerra da Ucrânia retira o continente sul-americano de seu isolamento geográfico e o coloca como grande personagem no sistema internacional dentro de uma nova ordem mundial complexa.

Para Levaggi (2022), a intervenção militar russa na Ucrânia mudou a percepção dos tomadores de decisão na região sobre suas relações com a Rússia, o que reflete uma alteração dos cálculos na agenda de segurança com os Estados Unidos e com os países membros da OTAN. Embora prevaleça a incerteza sobre as consequências no médio e longo prazo, o impacto da crise no Atlântico Sul tem várias dimensões. Em um mundo mais perigoso, o Atlântico Sul apresenta-se como um oásis de paz e estabilidade, mas há uma série de desafios para a “zona de paz” regional.

Entre as principais, consideramos os riscos derivados da competição estratégica entre grandes potências, o posicionamento internacional dos atores regionais contra o conflito russo-ucraniano e seu impacto na agenda de desenvolvimento econômico (Levaggi, 2022).

Dessa maneira, mudanças no apoio multilateral ao regime de não proliferação podem se tornar um problema. Na 10ª Conferência de Revisão das Partes do Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares ocorrida em agosto de 2022, o presidente desse evento, Gustavo Zlauvinen, reconheceu que o “risco nuclear está nos níveis mais altos desde o fim da Guerra Fria” (Levaggi, 2022).

Essa declaração reflete preocupações de alto nível sobre a gestão responsável de dispositivos nucleares e um medo renovado da disseminação da tecnologia nuclear ou a interrupção dos programas nucleares atualmente usados para fins

pacíficos. O regime de proliferação pode ser contestado se os países extraterritoriais, como China, Rússia e Coreia do Norte, tentarem transferir tecnologia nuclear para os inimigos dos Estados Unidos em situação de confronto direto. Nesse contexto, a declaração da América Latina e do Caribe como Zona Livre de Armas Nucleares, de acordo com o Tratado de Tlatelolco de 1967, e o forte compromisso com o regime de não proliferação por parte das potências nucleares pacíficas da região, Argentina e Brasil, têm sido chave para a estabilidade estratégica da região. No caso da cooperação argentino-brasileira, a criação, em 1991, da Agência Brasileiro-Argentina de Contabilidade e Controle de Materiais Nucleares e seu apoio até hoje além das mudanças políticas continuam sendo a base do entendimento bilateral no continente sul-americano (Levaggi, 2022).

Dessa maneira, a utilização de tecnologias nucleares se torna um grande desafio para a América do Sul, composta por países pacifistas nesse sentido. A despreocupação com esse aspecto pode gerar consequências futuras indesejáveis à paz no continente.

Segundo Carmona (2022), o mundo atual também ensina não ser possível seguir sendo o Brasil, por exemplo, um país desarmado; sem poder fazer frente às ameaças contemporâneas e sobretudo a ameaças de agressões por parte de potências militarmente superiores, que podem – e num determinado contexto provavelmente irão – cobiçar recursos, bens ou fatores de grandeza brasileira, sobretudo aqueles que existem em abundância

Para Levaggi (2022), diante de um ambiente global geopoliticamente mais competitivo, a região é fragmentada e com importantes dilemas internos, especialmente no aspecto político, com declínio na qualidade da democracia e da ascensão dos movimentos populistas.

A superação de desafios se mostra, portanto, mais complexa do que aparenta. A diversidade política, cultural e econômica da América do Sul dificulta, muitas vezes, uma integração e união

mais efetiva, que leve todas as nações do continente ao mesmo caminho, por meio de uma junção de esforços de todos os países sul-americanos.

Oportunidades para a América do Sul

Segundo Cejas e Fragoso (2022), deve-se notar que o desenvolvimento econômico latino-americano, durante quase todo o século XX, foi a principal preocupação das sociedades e governantes da América do Sul. Iniciativas para realizar estratégias de crescimento foram tomadas na região, como a criação da ALALC (Associação Latino-Americana de Livre Comércio). Na América do Sul, a aproximação entre Argentina e Brasil, as duas principais economias da região, registrou um impulso fundamental durante a década de 1980, sendo uma causa profunda da criação do Mercosul. Desde então, mantém-se o objetivo de expandir e conectar mercados, embora existam muitos obstáculos que prejudicam o processo de integração.

Para Levaggi (2022), dadas as vozes crescentes sobre a existência de situações potenciais de energia global e insegurança alimentar (Comissão Europeia, 2022; Besheer, 2022), a região tem uma oportunidade histórica, uma vez que tem sido uma fornecedora mundial de matérias-primas e se beneficia dos “*booms de commodities*”. O Brasil, a Venezuela e a Colômbia são os principais produtores regionais de petróleo cru; a Bolívia e a Argentina lideram *rankings* de produção de gás; além disso, o Brasil e a Argentina desempenham um papel importante na cadeia alimentar mundial, especialmente em produtos como trigo, soja, carne e milho; e vários países latino-americanos são fornecedores importantes de prata, lítio, cobre, zinco e minério de ferro, entre outros.

Ainda, de acordo com Levaggi (2022), apesar das dificuldades, a atual crise econômica global também oferece oportunidades. Os preços das *commodities*, por exemplo, aumentaram quase 30% entre agosto de 2021 e 2022, segundo o S&P Goldman Sachs. O índice de *commodities* e os preços do petróleo ultrapassaram US\$100/barril várias vezes durante os últimos dois anos. O resultado dessas dinâmicas no Atlântico Sul é misto. Brasil e Uruguai têm a oportunidade de otimizar sua inserção internacional no setor de *commodities*, enquanto a Argentina enfrenta sérios problemas macroeconômicos com forte desvalorização da moeda e inflação acima de 80% em 2022.

De qualquer forma, respostas unilaterais dificilmente podem ser inteiramente eficazes. A agenda de desenvolvimento do Atlântico Sul exige repensar novas formas de cooperação econômica regional que permitam maior flexibilidade para o momento de enfrentar relações comerciais, sem descuidar dos compromissos assumidos no âmbito do Mercosul (Levaggi, 2022).

Para Landi e Vilchez (2022), a situação atual representa uma oportunidade para dinamizar o projeto de integração regional. A região pode desempenhar um papel mais importante na geopolítica mundial, como fornecedor de fontes de energia (tradicionais e limpas). Com poucas exceções, os países da América do Sul têm a vantagem comparativa por serem parceiros confiáveis, que não ameaçam a paz e a segurança mundiais, nem perturbam a ordem internacional.

Palacios (2022) resolveu representar sua teoria em uma tabela do ano de 2016, do Sistema Econômico Latino-Americano e do Caribe, em que descreve como a integração regional é uma grande oportunidade para o continente. Essa integração foi explicitada em diversos campos do poder, conforme mostrado no **quadro 1**.

Operacionalização da integração regional na América do Sul

| Variável multidimensional | Campo do poder | Subvariável | Indicadores |
|---------------------------|----------------|--------------------------|---|
| Integração regional | Econômico | Integração econômica | Zona de Livre Comércio União Aduaneira Mercado Comum União Aduaneira e econômica União Política e econômica |
| | Político | Nível de competências | Sistema de tomada de decisões Divisão de competências Integração política |
| | Psicossocial | Transformações culturais | Incremento do turismo Ampla utilização de meios digitais Exploração cultural conjunta |

Quadro 1 – Operacionalização da integração regional na América do Sul

Fonte: Adaptação e tradução da Nota do Sistema Econômico Latino-Americano e do Caribe, 2016

Na continuação de sua pesquisa, Palacios (2022) esclarece que o conflito na Ucrânia tem grande impacto na economia e comércio internacional, especialmente devido ao aumento dos preços de energia e alimentos. Sugere-se, portanto, que, no âmbito da integração regional, os esforços podem ser concentrados no sentido de reduzir a dependência dos países latino-americanos, nesse caso, particularmente os sul-americanos. Assim, o quadro anteriormente descrito colabora para um desenvolvimento conjunto regional. Da mesma forma, a guerra na Ucrânia gerou outros efeitos na região, como o corte nas exportações, a ruptura das cadeias logísticas e o impacto na competitividade do setor industrial devido ao aumento de preços do petróleo e da energia.

Segundo Malamud e Nuñez (2022), abre-se uma janela de oportunidades para que a região desempenhe um papel relevante na geopolítica

mundial e está vinculada à IV Revolução Industrial como fornecedora de matérias-primas tradicionais (petróleo e gás) e às ligadas à mudança tecnológica (lítio). Sua vantagem comparativa é ser um parceiro confiável, não agressivo nem perturbador do *status quo* internacional e compartilhar a maioria dos valores ocidentais. À semelhança da Venezuela, o Brasil, em cinco anos, terá maior capacidade de produção de petróleo e espera-se que, em 2026, a sua produção atinja os quatro milhões de barris por dia. O Equador pode aumentar a produção de petróleo e atender aos seus objetivos estratégicos, chegando a um milhão de barris por dia, desde que melhore sua infraestrutura.

Outra oportunidade trazida pelo conflito russo-ucraniano para a América do Sul se encontra na cooperação militar entre países. A América do Sul experimentou, durante o período de expansão do Conselho de Defesa Sul-Americano (CDS),

uma identidade incipiente em matéria de defesa, que favoreceu uma leitura comum dos desafios nessa área (Battaglino, 2012).

No caso sul-americano, esse processo de cooperação militar encontra suas raízes nos contatos crescentes e regulares que civis e militares estabeleceram desde início dos anos de 1990, e que contribuíram para disseminar o valor da gestão de várias questões relacionadas com as relações civis-militares e a segurança regional (Vitelli, 2015).

A América do Sul fez progressos significativos, no curto prazo, de funcionamento do CDS (Bragnatti, 2019). O relançamento do CDS, ou outras instâncias de cooperação em defesa, é um aspecto estratégico para a defesa nacional. Esse processo é lento e não isento de retrocessos, mas é fundamental avançar na construção de uma concepção regional de defesa. Sem essa concepção, será muito mais difícil sustentar uma defesa nacional viável a longo prazo (Battaglino, 2012).

Para Almeida (2022), o conflito russo-ucraniano demonstrou a importância de uma base industrial de defesa diversificada e independente da cadeia logística global. Produtos de defesa devem ser tratados como questão de Estado e merecem um apoio governamental diferente das demais cadeias produtivas de um país. A solução russa, com a criação do conglomerado administrado pelo Estado, a Rostec, que atende setores sensíveis da economia do país, com especial atenção à indústria de defesa, tem-se mostrado um *case* de sucesso, que permitiu às Forças Armadas russas a manutenção em combate no atual conflito, mesmo no contexto de sanções internacionais.

Nesse caminho, todos os países sul-americanos devem se preocupar com as suas bases industriais de defesa. Essa é uma solução viável para que a América do Sul continue sendo um ambiente de paz em um contexto global. As riquezas do continente podem ser, a qualquer momento, motivo de cobiça de grandes potências, e é preciso estar pronto para dissuadir qualquer tipo de tentativa

de intervenção à soberania das nações da América do Sul.

O Brasil, por exemplo, apesar de ter iniciativas importantes, como a Lei de Fomento da Base Industrial de Defesa (BID), deve observar o modelo russo e buscar mecanismos de intervenção estatal em seu parque industrial de defesa. A dinâmica atual de cadeias de produções globais tem-se mostrado perigosa para produtos estratégicos, como os de defesa. A realidade observada na crise de covid-19 e agora no conflito russo-ucraniano reforça a existência de interesses entre os países, comprovando o caráter realista nas relações internacionais. A negação de equipamentos ou insumos estratégicos tem sido empregada como o primeiro ato de guerra e, portanto, o domínio de toda a cadeia produtiva dos produtos de defesa é condição *sine qua non* para a garantia da soberania nacional (Almeida, 2022).

Dessa forma, o efetivo e correto aproveitamento das oportunidades que surgirem para os países da América do Sul constitui-se em importante ferramenta na indução do desenvolvimento da região. Cabe aos governantes sul-americanos empreenderem políticas de Estado com o objetivo de alcançar aquele fim.

Conclusão

Como visto, a América do Sul deverá avaliar cuidadosamente suas estratégias e abordagens diante das mudanças no cenário internacional causadas pelo evento disruptivo na Ucrânia. A guerra nesse país impacta a diplomacia, a economia, a segurança e o contexto geopolítico da região, trazendo tanto desafios quanto oportunidades. Nesse sentido, os países sul-americanos buscaram maximizar as oportunidades potenciais, enquanto gerenciam os riscos e desafios resultantes desse conflito.

Conclui-se, assim, em relação aos desafios a serem superados pelas nações sul-americanas, que

somente um entendimento continental poderá fazer com que a América do Sul tenha um papel protagonista na Nova Ordem Mundial. Uma ampla cooperação regional é a chave do sucesso em um mundo extremamente volátil e ambíguo.

Além disso, faz-se mister que haja uma preocupação maior por parte dos líderes sul-americanos em relação às políticas públicas que, de fato, gerem progresso e desenvolvimento, distanciando-se do fantasma do populismo. Lidar com esses obstáculos requer uma abordagem cautelosa e adaptativa para proteger os interesses e a estabilidade da América do Sul.

Infere-se, também, que, no que se refere às oportunidades para a América do Sul advindas do conflito entre Rússia e Ucrânia, ante as reconfigurações geopolíticas resultantes do conflito, a região sul-americana pode explorar a diversificação de suas parcerias comerciais, capitalizando os recursos naturais em alta demanda, atraindo investimentos estrangeiros em busca de estabilidade, fortalecendo laços diplomáticos e se envolvendo em fóruns internacionais para promover soluções pacíficas.

Ademais, setores específicos, como defesa e tecnologia, podem experimentar crescimento, refletindo possíveis realinhamentos nas prioridades globais. As oportunidades reais, no entanto, dependerão das decisões estratégicas tomadas por cada país sul-americano, bem como das dinâmicas em evolução no cenário internacional.

Por fim, a América do Sul, quando comparada às demais regiões do mundo, apresenta relativa estabilidade em virtude da ausência de conflitos armados entre países. Apesar de não ser palco de contendas internacionais, esse é um subcontinente que possui problemas endêmicos a serem superados, como o populismo, o narcotráfico, a sina de ser produtor de *commodities*, entre outros. A guerra entre a Ucrânia e a Rússia, um dos eventos disruptivos do século XXI, gerou impactos para os países sul-americanos nas expressões do poder nacional, cabendo a eles a árdua missão de superação dos desafios, bem como do aproveitamento das diversas oportunidades que surgirem. 

Referências

ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. **Informação e documentação** – numeração progressiva das seções de um documento escrito – apresentação (ABNT NBR 6024:2003). Rio de Janeiro: ABNT, 2003. 3 p.

ALARCÓN, Daniel Olivier Hermoza; CHUQUIHUACCHA, Jimy Trujillo. **América Latina frente a la guerra entre Rusia y Ucrania de 2022**: una propuesta de categorización de las posturas de política exterior. Revista Política Internacional, 2022.

ALBUQUERQUE, Thiago Britto de; ALMEIDA, Leandro Leite de. **A previsibilidade de agressão nos conflitos armados**: uma análise da Guerra Russo-Ucraniana. Observatório da Praia Vermelha, 2022.

ALMEIDA, L. **As lições do conflito russo-ucraniano para a Base Industrial de Defesa brasileira**. Observatório da Praia Vermelha, 2022.

ANTONIOLLI, Lucas Amorim. **O comércio de fertilizantes Brasil x Rússia após a invasão russa na Ucrânia em 2022.** Universidade do Sul do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2022.

APARECIDO, Julia Mori; AGUILAR, Sérgio Luiz Cruz. **A Guerra entre a Rússia e Ucrânia.** Observatório de Conflitos Internacionais, 2022.

BATTAGLINO, Jorge. **La Guerra entre Rusia y Ucrania y sus implicâncias para la defensa en América de Sur.** Ver. Esc. Guerra Naval, Rio de Janeiro, RJ, 2022.

BRASIL. Casa Civil. **Estratégia Nacional de Defesa.** Brasília, DF, 2016.

BRASIL. Casa Civil. **Livro Branco de Defesa Nacional.** Brasília, DF, 2020.

BRASIL. Casa Civil. **Política Nacional de Defesa.** Brasília, DF, 2016.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal, 2016. 496 p. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 24 maio 2021.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Cenários de Defesa 2020-2039.** Brasília, DF, 2017.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Política Nacional de Defesa e Estratégia Nacional de Defesa.** Brasília, DF, 2012.

CARMONA, Ronaldo. A Guerra na Ucrânia e suas implicações para a segurança internacional. **A Guerra na Ucrânia:** uma análise geopolítica. Revista CEBRI. Rio de Janeiro, RJ, 2022.

CARREGOSA, Lais; BARROS, Rafaella. 2022. **Entenda como a guerra impacta o mercado de fertilizantes.** Poder360, 25 de fevereiro de 2022. <https://www.poder360.com.br/europa-em-guerra/entenda-como-a-guerra-impacta-o-mercado-de-fertilizantes/>.

CARVALHO, Jiane. **Guerra na Ucrânia:** Os possíveis riscos para a economia global e do Brasil caso o conflito se prolongue. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61930676>>, 2022. Acesso em: 6 abr 2023.

CASTILHO, Filipe Philipps de. **Energia, guerra e transição:** A guerra da Ucrânia e os novos paradigmas do consumo energético. Biblioteca Digital de Periódicos da UFPR, 2022.

CEJAS, Hernán; FRAGOSO, Silvio. **América Latina frente a los impactos de la guerra en Europa:** La regionalización como respuesta a la crisis global. Revista Política Internacional, 2022.

FILHO, Paulo Roberto da Silva Gomes. **A liderança política na guerra da Ucrânia, 2022.** Disponível em: <<https://paulofilho.net.br/2022/07/24/a-lideranca-politica-na-guerra-da-ucrania/>>. Acesso em: 6 abr 2023.

GARCIA, Margarita Rodelo; NÁRDIZ, Alfredo Ramírez; TURIZO, Jorge Mejía. **Nuevas relaciones internacionales y efectos de la guerra de Ucrania en el proceso de paz em Colombia, 2022.**

HERRERA, Catherine Margaret Navarro Acosta. **America Latina frente a la guerra entre Rusia y Ucrania de 2022:** América Latina y los impactos de la guerra en Europa en el ámbito de la seguridad alimentaria. Revista Política Internacional, 2022.

LANDI, Bruno Castañeda; VILCHEZ, Karen Maribel Rebaza. **America Latina frente a la guerra entre Rusia y Ucrania de 2022:** La invasión rusa a Ucrania y el debilitamiento del proceso de integración latinoamericana. Revista Política Internacional, 2022.

LEVAGGI, Ariel Gonzalez; OTERO, Pilar Martinez. **Guerra Rusia-Ucrania:** América Latina y el Caribe em una encrucijada global. Anuario Mexicano de Asuntos Globales, 2022.

LEVAGGI, Ariel Gonzalez. **La guerra ruso-ucraniana y los desafíos de seguridad globales en el Atlántico Sur.** CEBRI – Revista, 2022.

LORENZINI, María Elena. **La Política Exterior Argentina en la Administración de Alberto Fernández:** Puntos de partida y posicionamiento frente a la invasión Rusia-Ucrania. Argentina, 2022.

LIMA, Thiago; DIAS, Atos. A Guerra da Ucrânia e a crise mundial. **Linha Vermelha:** A Guerra da Ucrânia e as Relações Internacionais no Século XXI. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2022.

MALAMUD, Carlos; NUÑEZ, Rogelio. **América Latina y la invasión de Ucrania:** su incidencia en la economía, la geopolítica y la política interna. Real Instituto Elcano. 2022.

NUNES, Isabel Ferreira. **A Ucrânia e a União Europeia – Um Ano Depois.** Instituto da Defesa Nacional, Lisboa, 2023.

PALACIOS, Giuliana Reggiardo. **America Latina frente a la guerra entre Rusia y Ucrania de 2022:** Apuntes sobre oportunidades de integración regional para los países em America Latina en el contexto del conflicto armado entre Ucrania y Rusia. Revista Política Internacional, 2022.

RODRIGUES, Bernardo Salgado. **Geopolítica dos recursos naturais estratégicos na América do Sul.** Perspectivas: Revista de Ciências Sociais, v. 45, 2015.

SANAHUJA, J. A., Stefanoni: **América Latina frente al 24-F ucraniano:** entre la tradición diplomática y las tensiones políticas, Documentos de trabajo nº 62 (2ª época). Fundación Carolina Madrid, 2022.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de pesquisa em administração.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 287 p., il. Bibliografia: p. 269-287. ISBN: 978-85-224-4999-6.

VISACRO, A. **Não basta vencer em múltiplos domínios:** conjecturas sobre a nova doutrina do Exército dos Estados Unidos e os conflitos na zona cinza. Coleção Meira Mattos: Revista das Ciências Militares, Vol. 14, nº 50, p. 187-209, 2020.

TOMÉ, Luis. **A Guerra na Ucrânia dividiu o mundo, mas não exatamente entre as democracias e autoritarismos.** Instituto de Defesa Nacional. Portugal, 2022.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim.** Penso Editora, 2016.